



---

## CORPO E SEXUALIDADE NA CONTEMPORANEIDADE

Gustavo Figueiredo Pires Corrêa<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é refletir sobre a relação do ser humano com o corpo e a sexualidade na contemporaneidade, a partir do pressuposto de que estes fenômenos não são cristalizados e definitivos, mas mutáveis e com diferentes significações de acordo com as diferentes estruturas ideológicas que sustentam determinado momento histórico.

**Palavras Chaves:** Corpo, sexualidade, prazer, história, cultura, contemporaneidade.

### 1. Introdução

O corpo humano, a despeito de suas funções biológicas unívocas a toda espécie, isto é, a despeito de suas funções e funcionamento comum a todos os indivíduos da espécie, possui significações diversas, que acompanham determinados momentos históricos, bem como culturas diferentes. A sexualidade, fenômeno intrínseco ao corpo como unidade fisiológica e simbólica, terá, também, diferentes significações de acordo com o momento histórico e as ideologias que o acompanham. Desta maneira, o corpo e a sexualidade na Idade Média terão significações diversas àquelas que têm nos dias atuais. Ou mesmo num determinado período histórico, estes conceitos podem variar, de cultura para cultura, de maneira que o olhar para estes terá tonalidades e significações diferenciadas.

Deste modo, sendo a sexualidade e o corpo socialmente organizados,

“só podemos compreender as atitudes em relação ao corpo e à sexualidade em seu contexto histórico específico, explorando as condições historicamente variáveis que dão origem à importância atribuída à sexualidade num momento particular e apreendendo as várias relações de poder que modelam o que vem a ser visto como comportamento normal ou anormal, aceitável ou inaceitável.” (WEEKS, 2010, p.43)

---

<sup>1</sup> Psicólogo com graduação na Universidade Estadual de Maringá e pós-graduação e formação em Psicologia Corporal no Instituto Reichiano de Curitiba.



O objetivo deste trabalho, portanto, é fazer uma reflexão acerca da relação do humano com o corpo e a sexualidade na contemporaneidade, a partir do pressuposto de que estes fenômenos não são cristalizados e definitivos, mas mutáveis e com diferentes significações de acordo com as diferentes estruturas ideológicas que sustentam determinado momento histórico.

## 2. O corpo

*“A Igreja diz: o corpo é uma culpa.  
A ciência diz: o corpo é uma máquina.  
A publicidade diz: o corpo é um negócio.  
O corpo diz: eu sou uma festa.”  
(Eduardo Galeano)*

Quando falamos sobre corpo e sexualidade, naturalmente estamos imbuídos de uma série de conceitos e ideias que perpassam uma época, uma cosmovisão de ser humano e suas relações objetivas e subjetivas com o prazer, o sexo e o corpo. O corpo possui uma definição que a priori está encerrada dentro de um contexto biológico, sendo considerado como universal (CAVALCANTI, 2005, p. 53), uma vez que todos os seres vivos interagem com o meio ambiente a partir da unidade orgânica organizada e singular que é o corpo – tendo características particulares a cada espécie. Todavia a significação deste na espécie humana é subjetiva, tendo relação com o contexto cultural que o circunscreve. Rodrigues apud Cavalcanti (2005), ao escrever sobre a relação inerente entre corpo e sociedade coloca que *“(…) O corpo humano é socialmente concebido e a análise da representação social do corpo oferece umas das numerosas vias de acesso à estrutura de uma sociedade particular.”* (p.53)

Deste modo, a relação com o corpo, conforme define Souza (2006) se constrói não somente a partir de fenômenos constitucionais interessantes ao organismo, mas das relações estabelecidas socialmente em determinada época e sociedade. O corpo ganha sentido socialmente, bem como aquilo que consideramos natural e/ou permitido. Como seres produtores de história



transformamos a realidade e atribuímos novas significações aos fenômenos e ideias, de modo que, neste sentido,

“As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas.” (LOURO, 2010, P.09)

Seguindo esta premissa, Souza (2006) escreve que o corpo deve ser problematizado além das pré-determinações puramente hereditárias e fisiológicas que perpassam o discurso corrente, e que colocam este corpo fora do tempo e do espaço, sem relação com a realidade em que vive e o afeta. Deste modo, o corpo, antes de ser somente a sede de processos fisiológicos, é constituído por uma série de fatores e contingências, sendo *“destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa, ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências”* (FOUCAULT 1998, p. 27). Ademais, Souza (2006) acrescenta que,

“segundo o filósofo, se quisermos conhecer de onde provém o corpo, é preciso descobrir as marcas sutis, singulares, que nele se entrecruzam e fabricam uma rede custosa de desenredar. Enquanto marca do que lhe acontece, a proveniência do corpo (ou sua herança) inscreve-se nos sistemas nervoso, digestivo, respiratório, nos hábitos alimentares, na forma de respirar, de movimentar-se, de sentir, no ritmo. (p.22)”

Para Reich (1983,1998), o corpo é definido como o inconsciente expresso, visível, sendo que o conceito de personalidade pode está intrinsecamente ligado à interação entre psique, corpo e o social. O corpo, sua forma, a maneira com que se expressa no mundo, através do caráter específico, são formados e desenvolvidos a partir da relação concreta estabelecida entre o aparelho psíquico, a sexualidade (corpo) e a sociedade historicamente determinada. Conforme Câmara (2000), a percepção de Reich do humano residia sob uma perspectiva unitária, ou seja, o inconsciente foi



somado ao corpo, uma unidade que só poderia fazer sentido quando perpassada pelo social, pela história. Deste modo escreve que

“O corpo para Reich é, essencialmente, energético. O movimento da energia é responsável pela pulsação da vida. Vida cuja função intrínseca é a da auto-regulação. O corpo é unidade biopsíquica constituída de núcleo, membrana e campo energético, se este corpo se auto-regula e se alia a outros corpos, teríamos alcançado uma pré-condição para autogestão social.” (CÂMARA, 2006, p.3)

Segundo Foucault(1998) o corpo é moldado, ganha forma, na sua relação com os mecanismos de poder, presente nos discursos e práticas sociais, constituindo subjetividades em relação e em função deste corpo, ou sendo uma realidade bio-política, onde se inicia o controle social,

“o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política.” (FOUCAULT, p.80)

Deste modo, a verdade deve ser buscada no corpo, uma vez que é o lugar onde se inscrevem as relações de poder/saber, todavia, estas, segundo Foucault (1998), não apenas reprimem, através de punições e castigos, mas constroem, produzem, por meio do que denomina adestramentos. Assim sendo, para a compreensão de como somos formados, conforme escreve Souza (2006) e de como seguimos nos transformando ao longo do processo do viver, é necessário o conhecimento de como funcionam os processos em práticas sociais, estabelecidas em relações de poder/saber que se inscrevem no corpo, gestos, comportamentos, sentimentos e desejos, de tal sorte que

“Essa maneira de olhar, que não busca o reconhecimento, mas se apoderar e se distanciar, pode criar condições para que se perceba a multiplicidade de outros, confrontos, lutas, coerções, verdades que habitam o corpo, governando suas posições em relação a si e aos outros. Talvez, possibilite que se encare de modo mais crítico aquilo que somos e fomente outras subjetividades e formas de pensar o corpo. Ou, ainda, como nos diz Foucault, a história “efetiva” possibilita a entrada



do devir naquilo que se pensava perene – o corpo, visto que ‘nada no homem – nem mesmo seu corpo – é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles’.” (SOUZA, 2006, p.23)

Embora a definição de corpo como conjunto de tecidos vivos que perpetuam a espécie e a mantém viva, bem como o conjunto de partes que compõem um organismo<sup>2</sup>, não esteja equivocada e contemple significativamente o conceito deste, não abarca toda sua amplitude. Como vimos o significado do corpo vai além do seu sentido biológico, tendo um sentido social e político, sendo que as significações que lhe atribuímos, bem como à sexualidade, são socialmente e historicamente organizados, “*sendo sustentados por uma variedade de linguagens que buscam nos dizer o que o sexo é, o que deve ser e o que ele pode ser (WEEKS, 2010, P.43).*”, ou seja, muito mais que o depositário de vísceras, tecidos e plexos, de características genótípicas e fenótípicas, que definem determinado sujeito, o corpo vai se constituir como o conjunto de significações, ideias e imagens, matizadas e derivadas das ideologias e instituições de uma época determinada, que o corporificam e lhe conferem sentido.

### **3. A sexualidade**

*“Sem pecado, nada de sexualidade,  
e sem sexualidade, nada de História.”  
(Soren Kierkegaard)*

A sexualidade, atualmente, é o assunto que está em praticamente em todos os lugares, das conversas de bar a artigos especializados, de músicas alardeando o sexo a sites<sup>3</sup> que prometem a satisfação das fantasias a todo tipo de desejo e orientação sexual. A sexualidade tornou-se artigo de consumo – por sinal sendo um mercado lucrativo, girando milhões de dólares por ano em

<sup>2</sup> Definição disponível no site Wikipédia: [www.pt.wikipedia.org/wiki/Corpo](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Corpo)

<sup>3</sup> Uma pesquisa norte americana aponta que um site de vídeos pornográficos tem cerca de 4,4 bilhões de acessos por mês, sendo a média de visitantes três vezes maior que os sites da CNN e ESPN. A estimativa é de que 30% do tráfego da internet é de conteúdo pornográfico. (fonte <http://tecnoblog.net/97594/internet-p0rn/>)



produtos, serviços e entretenimento. O sexo atravessa praticamente todos os campos de experiências e saberes na sociedade contemporânea gerando, o que Guillebaud (1999) conceitua de *“balbúrdia sexual”*:

“Uma incrível balbúrdia sexual coloniza hoje em dia até o menor cantinho da modernidade democrática: prazeres prometidos ou exibidos, cartazes alardeando a liberdade, preferências descritas, performances avaliadas ou procedimentos ensinados, há de tudo. Nenhuma sociedade antes da nossa havia consagrado ao prazer tal eloquência discursiva, nenhuma havia antes destinado à sexualidade lugar tão preponderante em seus objetivos, suas imagens, suas criações.” (p.18)

Assim sendo, diante deste fenômeno de “sexualização” do mundo, onde tudo é perpassado e gira ao redor do sexo e da busca pelo prazer, fica a questão: o que é sexualidade? Buscando responder esta questão, Weeks (2010), em seu artigo O Corpo e a Sexualidade, vai defini-la como

“(…) uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam com que Michel Foucault denominou ‘o corpo e seus prazeres’.” (p.43)

Para Foucault, (1984) a sexualidade é compreendida como “experiência”, sendo esta entendida como *“a correlação, em uma cultura, entre os campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade. (p.10)”*. Ou seja, não é um fenômeno estático e definitivo, mas um *dispositivo histórico*, onde há uma gama incontável de maneiras de se expressar e vivenciar o prazer, sendo atravessada por todo um espectro de ideologias, concepções, saberes e formas de controle próprias ao período a qual se referem. Deste modo a sexualidade, enquanto experiência singular de um determinado tempo possui três eixos que a constitui: *“a formação dos saberes que a ela se referem; os sistemas de poder que regulam sua prática; e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos dessa sexualidade (1984, p. 10).”* Neste sentido, Foucault coloca a necessidade da compreensão das diversas maneiras do uso da sexualidade e dos prazeres ao



longo da história, para que possa haver um entendimento concernente à sua vivência durante o período contemporâneo:

“Em resumo, para compreender de que maneira o indivíduo moderno podia fazer a experiência dele mesmo enquanto sujeito de uma ‘sexualidade’, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito do desejo.”  
(p.12)

Sendo um “dispositivo histórico” a sexualidade passa a ganhar significação a partir de múltiplos discursos, sendo que estes “*que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’* (LOURO, 2010, p.12). Discursos estes, variáveis de acordo com o momento histórico e que definem as identidades sociais, incluindo as sexuais e de gênero, estas que constituem os sujeitos e suas relações com a cultura, instituições e com o uso do corpo e dos prazeres. Embora estas identidades nos deem certo sentido de pertencimento a determinado grupo social, elas não são fixas, de modo que

“Somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmando pelos teóricos e teóricas culturais.”  
(op.cit., p.12)

A partir desta perspectiva, as identidades sociais e culturais são consideradas como *políticas*, uma vez que a forma pela qual se expressam e se relacionam com o mundo são perpassadas por relações de poder. Assim, as diversas representações, ancoradas no discurso e nas ideologias das instituições que o sustentam – família, religião, mídia, economia, escola, ciência, etc. - produzem certos efeitos sociais, de modo que algumas delas, “*deixam de ser percebidas como representações e são tomados como a realidade.*” (op. cit, p.16). Desta maneira, certa concepção de sexualidade é considerada como referência e modelo em determinado momento histórico e em determinada cultura, colocando como padrão as maneiras de se vivenciar os afetos, os objetos de desejos, os tipos de parceiros permitidos ou não dentro



do contexto no qual estão inseridos. Por outro lado, outras formas de sexualidade são preteridas e consideradas antinaturais e fora da normalidade, questões que podem muito ser observadas no conflito existente entre heterossexualidade e homossexualidade que ainda persiste em nossa sociedade – sem falar de outras expressões como os transgêneros<sup>4</sup>, por exemplo.

Para Reich (1988), de maneira semelhante, - porém com a diferença de que para Foucault (1998) a influência do ideal capitalista sobre o corpo ao invés de se configurar apenas como repressão sexual, produz também expressões de sexualidades diversificadas, uma vez que o discurso hegemônico engendra a possibilidade da criação e discursos e representações divergentes, alternativas e antitéticas -, as contradições sociais e as condições materiais determinam a moralidade de uma época e, por conseguinte, a relação que se estabelece com a sexualidade, neste caso vai afirmar que há uma contradição absoluta entre o impulso biológico, que busca a satisfação e o interesse social repressor (REICH, 1981). Conforme Bedani e Albertini (2009) o caráter<sup>5</sup> para Reich é *“uma instância psíquica depositária da ideologia dominante (p.128)”*, sendo que, uma vez que a criança, com suas necessidades e impulsos inerentes, passa a interagir com a cultura e seus valores, uma relação dialética se estabelece e o conflito entre os instintos e a organização político/econômico/social/familiar passa a moldar o seu caráter a se ancorar em seu corpo. Nesse sentido, ao analisar o nazismo e o fascismo na Europa (Câmara, 2009), Reich sugeriu que estes sistemas moldaram a

<sup>4</sup> Segundo a definição do site Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Transgenero>) : *“Refere-se à condição cuja expressão de gênero não corresponde ao papel social atribuído ao gênero designado para elas no nascimento. Mais recentemente o termo também tem sido utilizado para definir pessoas que estão constantemente em trânsito entre um gênero e outro. A psicóloga brasileira Jaqueline Gomes de Jesus define a população transgênero, ou simplesmente trans, como aquela “composta eminentemente por mulheres transexuais, homens transexuais e travestis, e por outros grupos, tais como os denominados crossdressers, drag queens/drag kings ou transformistas, queer /andróginos ou transgênero.”*

<sup>5</sup> O Caráter, como concebe Reich (1998), é em primeiro lugar um mecanismo de proteção narcisista contra a dupla ameaça representada pelo mundo exterior, por um lado, e pelas pulsões instintivas interiores. É um mecanismo de proteção do ego, cuja resposta é determinada e mantida por um padrão estruturado de tensão muscular que reflete proibições e inibições impostas e pela ideologia dominante, sendo estas reproduzidas no seio familiar.



subjetividade, os corpos e o desejo para reproduzir valores morais conservadores nas massas, de tal sorte a produzir indivíduos oprimidos e subservientes tanto no âmbito sexual como político e social, de modo que

“a consequência desse processo é uma limitação da consciência crítica, da curiosidade, do questionamento de si e da realidade social. Surge um indivíduo oprimido, revoltado, que deseja o poder e que tem medo da liberdade.” (1988, p.99)

Independente das divergências teóricas, tanto Reich, como Foucault, trazem a questão da relação do social, do papel da história, na produção da subjetividade, pois, para ambos, o corpo e a sexualidade só têm sentido socialmente, na sua relação com as redes de saber e poder instituídas em dado momento. Não cabe aqui discutir as divergências, mas pensar o ponto de convergência: a sexualidade como mecanismo atravessado e modelado por discursos e redes de poder que incidem sobre nossa subjetividade. Assim, os discursos sobre gênero – das especificações relativas ao que é permitido ou não ao masculino e ao feminino -, sobre a sexualidade e o corpo, produzem marcas, que são inscritas em nossas histórias pessoais, sendo elas postas em ação pelas instituições reguladoras – escola, mídia, igreja, lei (LOURO, 2010). Não obstante, embora, sejamos atravessados, influenciados e constituídos pelos discursos instituídos, nós, enquanto sujeitos, não nos submetemos passivamente, sendo manipulados por estratégias alheias de controle e disciplinamento, pelo contrário somos participantes ativos na construção das identidades<sup>6</sup>, estas nunca fixas, que nos compõem. Seguindo esta ideia, Louro (op.cit) escreve,

“Se múltiplas instâncias sociais, entre elas a escola, exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero e colocam em ação várias tecnologias de governo, esses processos

<sup>6</sup> Seguindo as ideias de Deleuze acerca da “subjetividade desterritorializada”, Maria Brito (2012) escreve: *“Importa pensar uma subjetividade descentrada, múltipla, nômade, que dialoga com a superfície e não com o fundamento. A filosofia contemporânea desses autores busca romper com a imagem do sujeito universal para pensar uma subjetividade construída na imanência, com a vida e com suas forças, agora não mais substância, fundamento, mas superfície, fluxos de vida, singularidade.”*(p.10).



prosseguem e se completam através de tecnologias de autodisciplinamento e autogoverno que os sujeitos exercem sobre si mesmos. Na constituição de mulheres e homens, ainda que nem sempre de forma evidente e consciente, há um investimento continuado e produtivo dos próprios sujeitos na determinação de suas formas de ser ou 'jeitos de viver' sua sexualidade e seu gênero." (p.25)"

Carole Vance apud Louro (2010) escreve que não há uma relação fixa entre atos sexuais e identidades sexuais, de modo que *"as culturas fornecem categorias, esquemas e rótulos muito diferentes para enquadrar experiências sexuais e afetivas (p.47)"*. Assim sendo, a sexualidade deve ser compreendida como um fenômeno plural, sendo talvez mais exato denominarmos de "sexualidades", uma vez que, sendo determinada por uma rede de significados e representações que traduzem uma época e localizam o sujeito no tempo e no espaço, determinam a maneira de vivenciarmos o afeto, o desejo, o encontro com o outro e - por que não? - com o próprio viver.

#### 4. A contemporaneidade

*"Somos homens vazios  
Somos homens empalhados  
Uns nos outros apoiados  
Cabeça cheia de palha, ai!  
Forma sem feitio, sombra sem cor,  
Paralisada força, gesto sem ação..."*  
(T.S. Eliot)

Para discorrer a respeito da contemporaneidade, é necessário localizá-la no tempo e compreender a rede de conceitos e saberes que a ancoram. A despeito das denominações específicas dadas por diferentes estudiosos, tais como pós-modernidade, modernidade líquida, hipermodernidade (Harvey, 1992; Bauman, 2001; Lipovetsky, 1983), a culminância das ideias, valores e relações que marcam este momento teve um percurso histórico. Conforme Santos (2004) o conceito de pós-modernidade envolve a ideia de um processo sociopolítico e cultural que ocorre a durante o capitalismo pós-industrial – sendo esta movida pelo consumo e pela informação -, mais precisamente desde 1950, quando se encerra o período do modernismo, tendo influências da



nova arquitetura e a computação, assumindo novas dimensões com a arte Pop nos anos 60 e 70, e pela filosofia crítica da cultura ocidental, durante os anos 60 e 70, amadurecendo atualmente, sobretudo após a queda do muro de Berlin, sendo influência para a moda, cinema, música e no cotidiano programado pela tecnologia, consumo e pela velocidade da informação.

Segundo Lipovetsky (1983), a sociedade contemporânea, ou hipermoderna como prefere denominar, é caracterizada pelo que define como “*processo de personalização*”, isto é, evidencia valores que legitimam o individualismo e o hedonismo como práticas que sedimentam as relações sociais e econômicas, pautando-se, sobretudo, no consumo de bens e informação e na hiperaceleração na constituição e mudança de valores e padrões de consumo e conduta.

Bauman (2001) aponta que a sociedade global tem um caráter líquido, que conceitua como “modernidade líquida”, ou seja, é marcada por uma fluidez nos padrões que definem as relações instituídas no mundo moderno, desde a esfera do econômico ao afetivo. A esta fluidez está relacionada uma velocidade bastante grande na constituição de novos valores e na derrocada dos velhos. Segundo o autor, nada se estabelece por um tempo suficiente, pois logo perde o lugar para um novo padrão, que em seguida perderá o seu lugar a outros, indefinidamente. Esta constante, e veloz, mutação de padrões e valores acarreta nas nossas decisões diárias, na maneira de dialogarmos com o mundo. Assim sendo, a postura com relação ao consumo, à ética, à política e ao outro também se torna fluída e norteadas pela brevidade dos valores que são instituídos e logo descartados. Fazendo uma referência à constante modificação dos padrões Bauman (2001) faz uma analogia:

“Os mecânicos de automóveis de hoje não são treinados para consertar motores quebrados ou danificados, mas apenas para retirar e jogar fora as peças usadas ou defeituosas e substituí-las por outras novas e seladas, diretamente da prateleira. Eles não têm a menor ideia da estrutura interna das “peças sobressalentes”, do modo misterioso como funcionam; não consideram esse entendimento ou habilidade como parte de seu campo de competência. Como na oficina mecânica, assim é na vida em geral: cada peça é “sobressalente” e substituível e assim deve ser. Por que gastar tempo com



consertos que consomem trabalho, se não é preciso mais que alguns momentos para jogar fora a peça danificada e colocar outra em seu lugar? “ (p.186)

Lipovetsky (1983) escreve que o conceito de tempo, e a relação com este, se modifica, de tal sorte que as predisposições futuristas do modernismo, a esperança do possível progresso futuro, na pós-modernidade, se esfacela diante do anseio narcísico da *“realização pessoal imediata”*. Certa feita, *“a confiança e a fé no futuro dissolvem-se, nos amanhãs radiosos da revolução e do progresso ninguém mais acredita, doravante o que se quer é viver já, aqui e agora, ser-se jovem sem se forjar o homem novo”* (1983, p. 11).

Ademais, acrescenta que a sociedade contemporânea é norteadada por uma *“(...) indiferença de massa em que domina o sentimento de saciedade e estagnação (...) (1983, p.10)”* onde a coletividade e a universalidade perdem-se frente ao desejo individual quando estas são impulsionadas por motivos e ações sociais e individuais. Aponta que

“os desejos individualistas esclarecem-nos atualmente mais do que os interesses de classe; a privatização é mais reveladora do que as relações de produção; o hedonismo e o psicologismo são mais evidentes do que os programas e formas de ação coletivas, ainda quando estas são novas (luta anti-nuclear, movimentos regionais, etc.); o conceito de narcisismo tem como objetivo refletir este culminar da esfera privada.” (1983, p.14).

O individualismo contemporâneo converge toda responsabilidade sobre o indivíduo de tal sorte que este se torna o único responsável pelo sucesso ou fracasso da sua vida, contudo desvinculando a sua relação com o coletivo, devendo, gerir, dentro das condições estabelecidas socialmente, todos os aspectos, do estético ao afetivo, do econômico ao espiritual, porém sem levar em conta a complexidade dos fatores que o condicionam, como os movimentos históricos, sociais, econômicos, culturais, etc., que definem e são definidos pela interação do indivíduo com o mundo. Quanto a isto, Bauman (2004) em entrevista para a revista Tempo Social, afirma que



“vivemos em tempos de desregulamentação, de descentralização, de individualização, em que se assiste ao fim da Política com ‘P’ maiúsculo e ao surgimento da ‘política da vida’, ou seja, que assume que eu, você e todo o mundo deve encontrar soluções biográficas para os problemas históricos, respostas individuais para problemas sociais. Nós indivíduos, homens e mulheres na sociedade, fomos portanto, de modo geral, abandonados aos nossos próprios recursos.” (p.05)

Deste modo, *“no centro do deserto social ergue-se o indivíduo soberano, informado, livre, prudente, administrador da sua vida: ao volante, cada um aperta seu próprio cinto de segurança.”* (Lipovetsky, p.22)

Guatarri (1990), no seu ensaio “As três ecologias”, por sua vez, afirma que a sociedade contemporânea está a passar, desde a primeira revolução industrial, por intensas transformações técnico-científicas o que vem a culminar num aumento do desequilíbrio ecológico - neste sentido pensado não somente como a esfera do meio ambiente, mas também o social e o subjetivo -, resultando, inevitavelmente, numa alteração nos modos de vida humanos, individuais e coletivos, no sentido de uma gradual deterioração. Frente a isto, escreve que nos colocamos diante de um grande paradoxo, uma vez que de um lado existe desenvolvimento acelerado de ferramentas tecnológicas e científicas capazes de solucionar problemáticas sociais e ecológicas, por outro há uma incapacidade das forças sociais organizadas de se apropriarem destes meios e intervirem de maneira coletiva, o que talvez reforce o conceito de Lipovetsky de “processo de personalização”. Assim sendo, assinala que

“as redes de parentesco tendem a reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente ‘ossificada’ por uma espécie de padronização de comportamentos, as relações de vizinhança são geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão...” (1990, p.7).

O ser humano contemporâneo, em sua relação subjetiva com a realidade objetiva, tende a um movimento de *“infantilização regressiva”* (Guatarri, 1990) de tal sorte que blocos inteiros sucumbem a comportamentos fanáticos e a uma cega submissão religiosa, e também a uma cega resignação



à sedução posta pelos padrões de consumo vendidos pela indústria do entretenimento (Lipovetsky, 1983). Soma-se a isto, a uniformização do sentimento de pertinência social, pautado por um serialismo de mídia - ideais massificados de status, consumo, moda, música, etc.

Seguindo este raciocínio, Lipovetsky coloca que estamos encerrados em uma lógica consumista, ou seja,

“estamos destinados a consumir, ainda que de outro modo, cada vez mais objetos e informações, desportos e viagens, formação e relações, música e cuidados médicos. É isso a sociedade pós-moderna: não o para além do consumo, mas a sua apoteose, a sua extensão à esfera privada, à imagem e ao devir do ego chamado a conhecer o destino da obsolescência acelerada, da mobilidade, da desestabilização.” (1983, p.11.)

Este serialismo midiático, promotor de valores, anseios e atitudes, através de mecanismos de sedução, pautados na produção desejo e na ausência de significação e de reflexão das experiências cotidianas, engendra o desejo da expressão, do ser notado, dos “quinze minutos de fama”, dos reality shows. Gera-se aí uma espécie de comunicação narcísica onde o ato de comunicação em si se sobrepõe sobre aquilo que é comunicado, isto é, não importa o conteúdo daquilo que é expresso, mas sim expressar e ter o reconhecimento, mesmo breve, dentro do espaço virtual da mídia. Seguindo a esta ideia, Santos (2004) aponta que

“O ambiente pós-moderno significa basicamente isso: entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação. Eles não nos informam sobre o mundo; eles o refazem a sua maneira, hiper-realizam o mundo, transformando-o num espetáculo. Uma reportagem a cores sobre os retirantes do Nordeste deve primeiro nos seduzir e fascinar para depois nos indignar. Caso contrário, mudamos de canal. Não reagimos fora do espetáculo.” (p.15)

Nesse sentido, Lipovetsky (1983) fala da lógica do vazio:

“Comunicar por comunicar, exprimir-se sem outro objetivo além de exprimir-se e ser registrado por um micropúblico, o narcisismo revela aqui, como noutros lugares a sua convivência



com a dessubstancialização pós-moderna, com a lógica do vazio.” (p.16)

A experiência do vazio - saturado, segundo Lipovetsky, uma vez que estamos saturados de um sem número de informações e signos que mais nos esvaziam que nos preenchem - aparece como um dos fenômenos mais evidentes que se expressam na subjetividade contemporânea. Rollo May (2005), já na década de 1950 nos apontava este sentimento como um dos maiores desencadeadores de angústia e sofrimento psíquico. Observava que o sentimento de vazio nasce de uma sensação de impotência e incapacidade para significar e nortear a própria vida e agir sobre o mundo que nos rodeia. Assim, a apatia e a resignação seriam defesas contra a angústia de um perigo que sentimos sermos incapazes de enfrentar.

Afirma May que, embora tenhamos deixado de viver sob a autoridade moral da igreja e de estados autoritários, atualmente vivemos sob o domínio de uma autoridade mais difusa e sutil, a opinião pública, ou mais apropriadamente a mídia e esta se trata de *“uma autoridade anônima, com ‘A’ maiúsculo, composta de nós mesmos, mas desprovida de centros individuais”*. Sendo que, *“no final, o que tememos é o nosso vazio coletivo”* (2005, p.23). Desta maneira, se outrora temíamos o inferno por conta de nossas ações supostamente pecaminosas, atualmente tememos o descrédito e o sentimento de não pertencimento dentro de um contexto de valores efêmeros e transitórios, o que inevitavelmente produz angústia e uma necessidade de significar nossa experiência de algum modo, seja através do consumo, do sexo compulsivo, das drogas, da competitividade ou da alienação, entre outras infinitas possibilidades que a sociedade de consumo contemporânea nos oferece.

Neste contexto, são construídos artifícios para que possamos lidar com a angústia e com o vazio produzido pela saturação (Lipovetsky, 1983). São produzidas infinitas possibilidades para descarga e a indústria do entretenimento desempenha um papel central no alívio das tensões do ser humano contemporâneo, produzindo a cada temporada novas formas de lazer para o consumo. No entanto, de maneira geral, esta busca por descarga assume um caráter compulsivo, de um escapismo à angústia e à ausência de



significação mais profunda da própria vida. Deste modo, o entretenimento muitas vezes acaba associado às drogas, como uma maneira de potencializar o prazer compulsivo. Quanto a isto Lowen (1986) escreve que

“a busca de entretenimentos surge da necessidade de fugir dos problemas, conflitos e sentimentos que parecem intoleráveis e avassaladores. É por isso que a diversão adulta é sempre associada ao álcool. A ideia de divertimento, para muitos é ficarem bêbadas ou “altas”, ou usarem drogas para escaparem da sensação de vazio e tédio. (...) A própria procura de divertimento destrói a capacidade de sentir prazer. (...) A escapada, por mais divertida que possa parecer, sempre acaba em dor, como todas as tentativas de fugir dos compromissos.” (p.16 e p.17)

Seguindo esta ideia, Bauman (2001) coloca que na sociedade contemporânea os encontros são pautados em circunstâncias momentâneas e temporárias, para que não haja o risco de uma possível união afetiva mais profunda, seja com o outro, seja com a experiência. O vivenciar, conforme o autor circunscreve-se no imediatismo das sensações e no desejo de experimentar o novo, compulsivamente, de tal sorte que, de modo geral, o relacionamento com a experiência da própria vida torna-se frágil e incipiente. Sendo assim, são construídas alternativas à tensão e à inócua significação que é atribuída à vida individual e coletiva,

“comunidades de carnaval parece ser o outro nome adequado para as comunidades, afinal, dão um alívio temporário às agonias de solitárias lutas cotidianas, à cansativa condição de indivíduos persuadidos ou forçados a puxar a si mesmos pelos próprios cabelos. Comunidades explosivas são eventos que quebram a monotonia da solidão cotidiana e, como todos os eventos de carnaval, liberam a pressão e permitem que os foliões suportem melhor a rotina que devem retornar no momento em que a brincadeira terminar.” (p.229)

Para Bauman (2001), na “modernidade líquida”, a angústia e o medo também se referem às situações que não são, em sua maioria, concretas e palpáveis, como por exemplo, o medo de um colapso no mercado financeiro, a percepção da destruição gradativa do ambiente, perda das fontes de energia, o medo da violência crescente e do terrorismo, de tal sorte que nos relacionamos



num mundo de grandes incertezas e desconfianças, o que inevitavelmente resulta numa sobrecarga em todas as esferas das nossas vidas gerando um *“grau de incerteza e ansiedade sem precedentes”* (Bauman, 2004).

Acrescenta-se a isto a grande velocidade da informação no mundo contemporâneo, da internet, dos gadgets, redes sociais, que implicam na assimilação e aceitação de valores de maneira rápida, sendo descartas com a mesma velocidade. E isso não está restrito somente a mercadorias concretas e bens de consumo, mas padrões prontos de atitudes, ideias, conceitos, corpos, que supostamente nos trariam a felicidade. Isso, inevitavelmente produz a angústia e o medo de estarmos fora de um padrão altamente exigente e excludente, fora das exigências do mercado, que, ao invés de nos trazer os benefícios que nos oferece, é solo fértil à irrupção de doenças psicossomáticas cada vez mais comuns atualmente.

No que concerne a isto escreve Lipovetsky (1983):

“Com o universo dos objetos, da publicidade, dos media, a vida cotidiana e o indivíduo já não tem peso próprio, anexados que se encontram pelo processo da moda e da obsolescência acelerada: a realização do indivíduo coincide com sua dessubstancialização, com a emergência de átomos flutuantes esvaziados pela circulação dos modelos e por isso continuamente recicláveis.” (p.100)

O sujeito contemporâneo – pós-moderno, hipermoderno, ou qual seja a denominação que se deseje -, é o sujeito flutuante, da eterna insatisfação, da busca pela significação de um vazio saturado de informações, signos e desejos fugidios que, em sua transitoriedade, coloca o prazer a qualquer custo como o centro da sua existência. Se antes, o prazer era associado ao pecado e à culpa e deveria, de algum modo, ser afastado a todo custo, agora a lógica se inverteu – o pecado é relativizado e a culpa é engendrada pela falta de prazer ou pela impossibilidade de alcançá-lo - e tendo se tornado compulsório, o prazer é vendido e consumido como artigo de luxo (Guillebaud, 1999), sendo a sexualidade e o corpo seu principal merchandising.



## 5. O corpo e a sexualidade hoje

*“A superênfase dada ao poder em nossa cultura coloca o ego contra o corpo e a sua sexualidade, criando um antagonismo entre ambas as motivações, quando o ideal seria o apoio e o reforço comum entre elas.”*  
Alexander Lowen

Vivemos a sociedade do espetáculo e o corpo e o sexo são a sua apoteose. Talvez nunca outrora tivemos o corpo e a sexualidade tão exaltados e valorizados como atualmente. Todos os dias somos bombardeados por imagens de corpos perfeitos, dietas, receitas para se chegar ao orgasmo, propagandas sensuais em outdoors e cartazes, silicone sendo vendido a prestações a perder de vista... Diversamente do que vivemos em outros períodos históricos, onde os interditos com relação ao prazer, o corpo e à sexualidade eram evidentes, atualmente estas interdições são menos claras, havendo até mesmo uma inversão de valores, onde da proibição se coloca a injunção. Neste sentido Guillebaud (1999) escreve que

“O prazer não é mais apresentado como facultativo e sim como imperativo. Não se detém o prazer, assim como não se detém o progresso: ele não é apenas onipresente, ele é soberano. Resistir seria um erro, seria ficar em falta tanto para com o progresso quanto para com a regra geral. O que a publicidade passou a instituir é o dever do prazer. Dever que fica, naturalmente, oculto sob uma capa de liberação.” (p.124)

Se antes a autoridade moral das religiões no Ocidente, sobretudo a moral judaico cristã, exercia forte influência sobre o que deveria ser permitido ou considerado pecaminoso, hoje esta autoridade não exerce tanta influência, embora exista de maneira mais incisiva em algumas comunidades mais ortodoxas. O que é notório, aqui, é uma ruptura com a irrestrita aceitação dos valores quase imutáveis da tradição religiosa e moral milenares, a uma relação individualizada e questionadora com relação a estes valores, principalmente após o advento do Iluminismo e do Modernismo, e com a consolidação dos valores pós-modernos na contemporaneidade (BAUMAN, 2001; CAVALCANTI, 2005; GUILLEBAUD, 1999; LIPOVETSKY, 1983). Quanto ao sexo, Foucault (2010) escreve que nos três últimos séculos houve uma intensificação do



discurso sobre a sexualidade a perpassar também os territórios da medicina e do judiciário, de tal maneira que se o poder<sup>7</sup> sobre o corpo e sexualidade antes era regido pelas instituições religiosas, a partir do século XVIII, passa a ser outorgado à Ciência e ao Judiciário.

Se, a partir do século XIX até meados do século XX, o discurso científico, e o jurídico, passaram a normatizar o corpo e a sexualidade dentro de padrões específicos, definindo padrões restritos de conduta saudável e/ou natural – através de normativas, estatísticas e pesquisas validadas a partir de rigorosos padrões de controle<sup>8</sup> – com o advento da mídia em massa, sobretudo através da publicidade massiva, esse veículo passa ditar os padrões de comportamento e a estética referente ao corpo e ao sexo – amparados, naturalmente, do discurso médico/estético/científico. Uma vez sendo a mídia e mercado quase que elementos intrínsecos, o corpo e o sexo como produtos consumíveis são produzidos a partir do enlace destes fenômenos. Assim, na contemporaneidade, a estética, a busca pela satisfação sexual e a normatização seguem as prerrogativas da ordem econômica estabelecida, de modo que - diferente dos anos que seguiram à Revolução Industrial, onde a manufatura e a indústria pesada demandavam outra dinâmica com relação à sexualidade e suas interdições - *“o livre consumo sexual, longe de ser prejudicial à nova ordem estabelecida, corresponde a suas exigências e satisfaz a seus interesses”* (GUILLEBAUD, 1999, p.101). Assim, o mesmo autor escreve acerca da relação entre a mudança do paradigma econômico e a desordem moral na cultura contemporânea,

---

<sup>7</sup> O poder é definido por Foucault (2010) como uma relação de forças, e não é centralizado, sendo que *“é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada.”* (p.103) O poder produz verdades, saberes e discursos. Sendo o corpo primeiro território onde se materializa o poder, de modo a produzir sujeitos e subjetividades específicos conforme as redes de poder se articulam em determinada época.

<sup>8</sup> O Relatório Kinsey, realizado nos Estados Unidos em 1948 é um grande exemplo de pesquisas que visam “catalogar” a experiência sexual e traduzi-la em números estatísticos. Guillebaud (1999) escreve que: *“O relatório Kinsey, que logo será seguido de uma série de outros, marca o início de uma época que ainda perdura: a dos sexólogos, do prazer funcional e do orgasmo obrigatório, dever a ser cumprido sob pena de ‘estar funcionando mal’.”* (p.142-143)



“É cada vez mais certo que novos capitalistas não têm necessidade das ‘massas’, assim como os novos ricos não tem mais necessidades dos pobres... A consequência se impõe por si mesma: que o povo então faça o que quiser do desejo! Aos olhos do capitalista, as coisas estão realmente bem claras, mesmo quando lhe parecem bem esquisitas: a desordem permissiva é atualmente mais rentável que a ordem moral...” (p.121)

Há toda uma logística para satisfazer o mercado sexual, que, mais indiretamente, vai desde produtos estéticos, como cremes rejuvenescedores, contra estrias, celulite, cirurgias plásticas reparadoras, a, de modo mais direto, produtos eróticos, sites pornográficos, bares e casas de swing, redes sociais e salas de bate papo específicas para o sexo, até serviços de acompanhantes de todas as orientações sexuais ofertados em panfletos impressos e propagandas digitais na internet. Ou seja, o mercado sexual movimenta, direta ou indiretamente, milhões de dólares anualmente de maneira que a problemática moral, da interdição do sexo atualmente é um contrassenso à lógica de mercado. Em outras palavras, quanto menos restrições houver quanto ao sexo em suas diversas manifestações, maior o consumo dos produtos e serviços sexuais, sendo assim, como escreve Guillebaud (1999), à medida que a sexualidade se torna um objeto consumível e se libera dos grilhões da moral repressora, o valor do lucro bruto oriundo do mercado sexual vem a substituir toda e qualquer problemática moralizadora.

Quanto à mercantilização do sexo Guillebaud (op.cit) continua,

“É nisto que se revela a verdadeira obscenidade contemporânea. Ela consiste não na provocação deliberada, pelo viés de um ‘espetáculo’ erótico, e sim na apropriação de uma revolta, de uma utopia e de uma linguagem pelos defensores do lucro, ostensivamente indiferentes, de sua parte, a tudo que não seja explorável ou quantificável. Viva o sexo, com a condição de que ele dê lucro! ‘A burguesia, diz Vaneigem, faz ver o único pecado que é, ao seu ver, sem perdão: o pecado de não pagar. O gozo sem essa contrapartida é o crime econômico absoluto.’” (p.107)

Seguindo a mesma linha de raciocínio, Birman (2000) escreve,



“Se o corpo é uma propriedade do indivíduo, este pode vendê-lo no mercado como força de trabalho, como uma mercadoria equivalente às outras, pois o corpo seria um atributo fundamental do ser. Além disso, o amor e o desejo se inserem também nesse registro maior da propriedade privada e do valor de troca. Ceder ao desejo e ser tomado por ele implicariam para o sujeito do individualismo transformar o valor de uso do seu gozo em valor de troca do desejo.” (p. 178)

É interessante observar que os movimentos de liberação sexual iniciados na década de 1960 lutavam contra a moral repressora burguesa e capitalista. Esses movimentos visavam à rejeição do capitalismo burguês e todos os valores que representavam, inclusive a moral sexual. Todavia, vemos atualmente estes mesmos ideais de liberdade e subversão de valores instituídos sendo assimilados em favor do capitalismo e do Livre Mercado. Se outrora a liberdade sexual era uma afronta e uma ameaça à família e à sociedade tradicional, nos dias atuais essa mesma subversão, agora transformada em convenção, é revertida em um dos motores do sistema econômico Neoliberal.

Através da veiculação publicitária massiva, da televisão e do cinema<sup>9</sup>, sendo reforçado atualmente por outras mídias como a internet, o corpo passa a ocupar o lugar principal como objeto a ser cultuado. Não obstante, não um corpo qualquer, mas um corpo perfeito, quase imperecível, um corpo que, por ser a via de sensações, prazeres e representações, um corpo idealizado e inalcançável, se torna um vetor necessário para o consumo de bens e serviços. E uma vez sendo o corpo o objeto da veneração, o sexo é o lugar onde se deposita o desejo – ou seja, a grande meta. Deste modo, pode se refletir a respeito do fato de que, na realidade, o culto ao corpo não se dá somente por razões de saúde, de envelhecer de maneira saudável, mas pelo simples motivo da conquista sexual e do gozo. Aliás, envelhecer tornou-se o grande temor contemporâneo, uma vez que se deve lutar contra toda e qualquer sinal de degradação ou estética/funcionamento fora do padrão “normal” através da

<sup>9</sup> Quanto à influência da mídia, sobretudo televisão e cinema, no comportamento sexual Guillebaud (1999) escreve que: “A televisão e, sem dúvida, o cinema, propõe igualmente, dia após dia, modelos de comportamento sexual bastante normativos. E não ser capaz de segui-los é algo muitas vezes sentido como vergonhosa inferioridade, ou até mesmo sofrimento.” (p.146)



prática constante de atividades físicas da moda, dietas, procedimentos cirúrgicos, etc., sendo que “a necessidade permanente de valorização, de ser admirado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade, tornam a perspectiva de envelhecimento intolerável” (LASCH apud LYPOVETSKY, p.58, 1983). A esta lógica subjaz o narcisismo contemporâneo, isto é, a emergência do prazer a todo custo, da satisfação imediata do desejo do gozo sem limites, o que está associado a um desejo de eterna juventude.

O corpo e o uso dos prazeres, incluso aí o sexo, são disciplinados (FOUCAULT, 1998) a funcionarem dentro da lógica do livre mercado e do consumismo, não sendo reprimidas suas funções e desejos, pelo contrário, são estimuladas e otimizadas para que funcionem dentro das demandas inerentes ao contexto contemporâneo<sup>10</sup>. Ao corpo e à sexualidade é associado um discurso econômico, no sentido de estimular a massificação, a performance, a concorrência, o consumo e a produtividade (GUILLEBAUD, 1999). Não basta sentir prazer no sexo, mas ser um atleta na cama, não basta ter orgasmos, no caso das mulheres, mas ter orgasmos múltiplos. O corpo deve estar preparado para maratonas sexuais e o sujeito comum deve estar sempre a pronto para realizar um desempenho sexualmente olímpico. Aqui a questão central do desejo não é o encontro com o outro e a infinda possibilidade de sensações, afetos e prazeres que este pode proporcionar, mas satisfazer seu narcisismo frente à contemplação da sua suposta (oni)potência.

Como afirma Bauman (2001) o momento contemporâneo é marcado pela fluidez dos encontros, pela falta de consistência dos valores que se modificam antes mesmos de se consolidarem. Isso se aplica também à relação que estabelecemos com o corpo, desde incorporando novas dietas, maneiras de nos vestir, até fantasias sexuais, tipos de corpos a serem desejados, fetiches, etc.. Ademais, soma-se isso à massificação do desejo, onde a singularidade é sufocada pelas demandas de um mercado sedutor – que consegue cobrir todas as esferas de desejo e orientações sexuais -, cujas

---

<sup>10</sup> No que concerne à massificação dos desejos na cultura globalizada Barthes apud Guillebaud (op.cit) escreve que “A cultura de massa é uma máquina de demonstração do desejo: olhe, é isto que deve interessar a você, diz ela, como se ela acreditasse que os homens são incapazes de encontrar sozinhos a quem desejar.” (p. 148)



promessas apenas amplificam o vazio e o anseio por satisfação (LIPOVETSKY, 1983). Quanto a isso Guillebaud (1999) escreve

“(...) nossos desejos, hoje, não são mais combatidos, mas, enquanto nos queríamos autônomos, livres e soberanos, eis que eles se veem corrompidos, na raiz, por um tropismo de imitação que põe em risco a nossa própria liberdade. Nossos desejos, inclusive os sexuais passaram a ser ‘ligados’. (...) Ligados em que? Nos desejos dos outros, santo Deus! Nos da multidão, das revistas, do tumulto publico... A pressão do conformismo que nós havíamos empurrado porta afora nos volta pela janela. E é a lógica de imitação que estamos entregando nossas armas.” (p.147)

E continua,

“(...) nada nos obceca tanto quanto medir nossos desejos pelos deste ‘outro’ de que nos tornarmos reféns voluntários. Este conformismo é ainda mais maquiavélico e talvez mais constrangedor que aquela arcaica coação moralizadora da qual nos orgulhávamos de ter escapado. (...) Cada qual, assim, se imita e se recopia febrilmente em uma sarabanda de desejos mediatizados, instrumentalizados, expostos, atados e tributários de uma mesma servidão dissimulada sob slogans permissivos.” (p.148)

Como vimos, a nossa sociedade é caracterizada pelo narcisismo exacerbado, pela necessidade de superexposição e pela fugacidade e o imediatismo, sendo o corpo e o sexo valorizados como *commodities*<sup>11</sup>, matérias primas perfeitas de um mercado sustentado pela imagem e pelo hedonismo. Se é no corpo, e, por conseguinte na maneira pela qual a sexualidade é manifesta, que estas relações se inscrevem em primeiro lugar, como escreve Foucault (2010), nossa subjetividade é formatada de modo a reproduzir os valores que subjazem nossa sociedade. Neste contexto, o sujeito narcísico usa

<sup>11</sup> O termo aqui é utilizado de maneira simbólica a fazer uma referência ao conceito da original da Economia. Conforme o site ([http://www.suapesquisa.com/o\\_que\\_e/commodities.htm](http://www.suapesquisa.com/o_que_e/commodities.htm)), *commodities* pode ser definido como mercadorias, principalmente minérios e gêneros agrícolas, que são produzidos em larga escala e comercializados em nível mundial. As *commodities* são negociadas em bolsas mercadorias, portanto seus preços são definidos em nível global, pelo mercado internacional. São produzidas por diferentes produtores e possuem características uniformes. Geralmente, são produtos que podem ser estocados por um determinado período de tempo sem que haja perda de qualidade. As *commodities* também se caracterizam por não ter passado por processo industrial, ou seja, são geralmente matérias-primas.



o corpo como uma vitrine à sua auto satisfação, sendo este hoje - diferentemente do seu uso na Revolução Industrial, onde sua função era produzir, mover a engrenagem da indústria nascente – menos uma ferramenta e mais um objeto a ser desejado, cultuado e visto a todo custo. O uso da sexualidade e dos prazeres tendo passado de fenômenos a serem evitados, com o agravante de se queimar nas chamas de um suposto inferno e de uma culpa tão ardente quanto o próprio inferno caso fôssemos complacentes com o desejo sexual, na contemporaneidade assume o caráter de injunção – havendo também um temor e uma culpa relacionada a não satisfação ou a não correspondência com as demandas do prazer. O sujeito contemporâneo necessita estar dentro de um ideal que obviamente não pode corresponder, qual narciso que se regozija com a própria imagem refletida, se afoga no desejo de contemplar a si mesmo, todavia sem se reconhecer na imagem que tanto contempla e admira.

## 6. Considerações finais

Ainda na primeira metade do século XX, Wilhelm Reich (1998) escrevia sobre a *peste emocional*<sup>12</sup>, identificando como um problema crescente numa época marcada por ditaduras fascistas, grande moralidade e repressão sexual. Escrevia que a repressão da capacidade natural de amar, de se expressar a sexualidade, era a grande responsável pela formação de indivíduos neuróticos, rígidos e subservientes. Para o autor, a sexualidade do caráter atingido pela *peste emocional* – isto é, quando impulsionada por impulsos secundários, que desviam o foco original e natural da libido – é normalmente sádica e pornográfica, coexistindo com a lascívia sexual e o moralismo sádico, sendo

---

<sup>12</sup> É conceituada pelo autor como: “*um comportamento humano que, com base numa estrutura de caráter biopática, age de maneira organizada ou típica em relações interpessoais, isto é, sociais, e em instituições.*” (Reich, W., 1998, p. 464). Está relacionada ao caráter neurótico, sendo alimentada pelas pulsões secundárias – estas oriundas da repressão e/ou supressão da capacidade natural de amar e expressar a sexualidade -, não sendo percebido como alheio ao ego, utiliza-se, sobretudo, do mecanismo da racionalização. Ou seja, seria uma forma “engessada” de ser do indivíduo, onde através de mecanismos defensivos, como a racionalização e a negação, este estabelece uma maneira unilateral de se relacionar consigo, com os outros e com o viver, sendo muito comum no fanatismo religioso e ideológico.



esta ambivalência o núcleo de sua estrutura de caráter. A partir disso pode-se supor que uma sociedade onde a sexualidade é vivida como natural, sem maiores repressões, por consequência com indivíduos saudáveis, não teria o problema da peste emocional.

A questão que se levanta, então, é: a maneira que vivemos nossa sexualidade na contemporaneidade é livre de neurose? Se o sexo é exaltado em nosso tempo poderíamos supor que estaríamos um passo a frente das gerações que nos antecederam em termos de saúde sexual e emocional. Todavia, o que é notório é que a sexualidade, e a vivência do prazer, assumem um caráter compulsivo. O indivíduo se mantém em estase<sup>13</sup> e isso o impulsiona a buscar de maneira compulsiva a descarga libidinal, seja na obsessão pelo sexo e pelo prazer, bem como pelo consumo de informações, mercadorias e serviços – o que é bastante conveniente à lógica do consumismo e da obsolescência programada<sup>14</sup>. Assim sendo, longe de estarmos vivendo a utopia reichiana, partimos para o oposto da moeda, se antes o corpo e o sexo eram reprimidos, havendo, mais precisamente nas décadas de 1960 e 1970, movimentos de liberação e questionamento dos valores capitalistas, em nosso tempo esses valores foram incorporados e assimilados em favor do livre mercado. O sexo e o corpo de um significado libertário e subversivo passam a uma condição de conformidade, ao passo que a liberdade sexual de nosso tempo, é tão neurótica quanto à rigidez moral e repressiva de outrora.

Como vimos, o sujeito contemporâneo está saturado de um vazio que, a despeito de toda informação e objetos que assimila e consome, se amplifica à medida que procura preenchê-lo e talvez aí resida a sua angústia e, também, a perspicácia da lógica do mercado capitalista: esta sensação de vazio que

---

<sup>13</sup> Estase é o represamento da energia sexual, que não é totalmente descarregada. Reich demonstrou como a estase sexual era responsável pela manutenção da neurose, só eliminada pelo estabelecimento da capacidade orgástica, ao passo que, quando em estase a libido só pode ser reprimida, nunca sublimada.

<sup>14</sup> Conforme o site Wikipedia ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Obsolesc%C3%A2ncia\\_programada](http://pt.wikipedia.org/wiki/Obsolesc%C3%A2ncia_programada)): “Obsolescência programada faz parte de um fenômeno industrial e mercadológico surgido nos países capitalistas nas décadas de 1930 e 1940 conhecido como “descartalização”. Faz parte de uma estratégia de mercado que visa garantir um consumo constante através da insatisfação, de forma que os produtos que satisfazem as necessidades daqueles que os compram parem de funcionar ou tornem-se obsoletos em um curto espaço de tempo, tendo que ser obrigatoriamente substituídos de tempos em tempos por mais modernos.”



nunca pode ser preenchida e satisfeita plenamente, de tal sorte que sua busca é um eterno ritornelo, um fraseado melódico a se repetir indefinidamente, sem chegar a uma conclusão harmônica.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Entrevista com Zigmunt Bauman** in Tempo Social, vol.16 no.1 São Paulo, Junho de 2004. Disponível no site: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-20702004000100015&script=sci_arttext)

BEDANI, A. e ALBERTINI, P., **Reich e a Psicanálise: O desencontro** in Jung e Reich: Articulando conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.

BIRMAN, J. **Mal-estar na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BRITO, M. R, **Dialogando com Gilles Deleuze e Felix Guatarri sobre a Ideia de Subjetividade Desterritorializada** in ALEGRAR nº09 - jun/2012, disponível no site: [http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando\\_com\\_gilles\\_maria\\_brito\\_alegrar9.pdf](http://www.alegrar.com.br/revista09/pdf/dialogando_com_gilles_maria_brito_alegrar9.pdf)

CÂMARA, M. V. de A. **“Contribuição para a Atualização da Noção de Corpo na Teoria de Wilhelm Reich pela Ótica Foucaultiana”**. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro: UFRJ/Imago, v.49, nº2, 1997.

\_\_\_\_\_. **“Reich e Nietzsche – Problematizando o Trinômio Corpo-Mente-Sociedade”**. Revista da Sociedade Wilhelm Reich do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: SWRRS, v.4, nº4, 2000.

\_\_\_\_\_. **“Um Certo Olhar Sobre o Corpo na Clínica Reichiana”**. Revista Reichiana. São Paulo: Instituto Sedes Sapientiae, nº15, 2006.

\_\_\_\_\_. **“Wilhelm Reich: Dados biográficos e orientações básicas** in Jung e Reich: Articulando conceitos e práticas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2009.



---

CAVALCANTI, D. R. M, **O Surgimento do Conceito de Corpo: Implicações da modernidade e do individualismo** in CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n.9, , set./2005, p.53-60.

FOUCAULT, M, **História da sexualidade: A Vontade de Saber**. Edições Graal, 2010.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade II: O uso dos Prazeres**. Edições Graal, 1984, 13ª edição, Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do Poder**. Edições Graal, 13ªed., 1998

GUATTARI, F., **As Três Ecologias**. Campinas: Papyrus, 1990.

GUILLEBAUD, J.C.. **A Tirania do Prazer**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

HARVEY, D., **Condição Pós Moderna**. Edições Loyola, São Paulo, 1992.

LIPOVETSKY, G. **A Era do Vazio**. Lisboa: Relógio d'Água Ed. Ltda, 1983

LOURO, G.L., **Pedagogias da Sexualidade** in O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Autêntica Editora, 2010.

LOWEN, A. **Prazer: Uma abordagem criativa da vida**. São Paulo: Círculo do livro, 1986.

MARIOTTI, H. **As Paixões do Ego: Complexidade, política e solidariedade**. São Paulo: Palas Athena, 2000.

MAY, R. **O Homem à Procura de Si Mesmo**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2005.

REICH, W. **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Função do Orgasmo**. São Paulo: Ed. Brasilense, 1983.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro: Zahar Editores S.A., 1981.

\_\_\_\_\_. **Psicologia das Massas e Análise do Fascismo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SANTOS, J. F., **O que é Pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

SOUZA, N. G. S, **Procurando / Rompendo Marcas no Corpo** in Corpo, gênero e sexualidade: problematizando práticas educativas e culturais. Fernando Seffer (et al), Guiomar Freitas Soares, Meri Rosane Santos Silva, Paula Regina Costa Ribeiro (org). rio Grande: Ed. Da FURG, 2006)

WEEKS, J. **O Corpo e a Sexualidade** in O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Autêntica Editora, 2010.